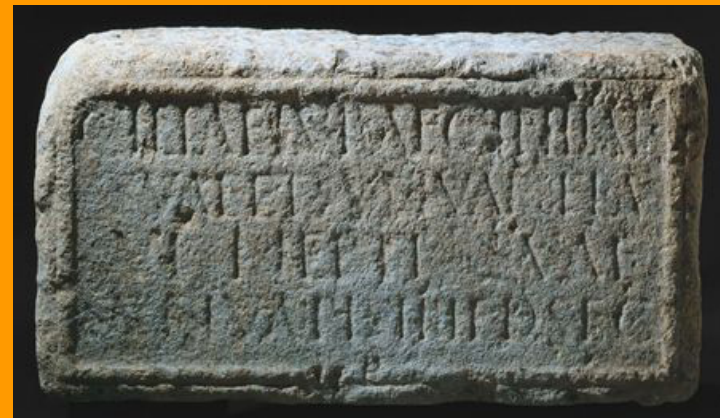


UMA FAMÍLIA INDÍGENA EM CASTELO BRANCO AO TEMPO DOS ROMANOS

A native family in Castelo Branco at Roman times

Manuel Leitão



Vila Velha de Ródão, 2012

UMA FAMÍLIA INDÍGENA EM CASTELO BRANCO AO TEMPO DOS ROMANOS¹

A native family in Castelo Branco at Roman times

Manuel Leitão²

Palavras-chave

Epigrafia romana, onomástica, Castelo Branco.

Key words

Roman epigraphy, onomastics, Castelo Branco.

¹ Agradeço ao amigo e mestre Professor José d'Encarnação, a revisão do texto.

² Licenciado em Animação Cultural pela Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Desde 1976 que se tem dedicado à investigação arqueológica, sendo responsável pela descoberta de inúmeros vestígios arqueológicos no concelho de Castelo Branco. Nos últimos anos, tem-se dedicado à revisão da epigrafia romana do Distrito de Castelo Branco.

Resumo

Apresenta-se neste artigo uma inscrição funerária da época romana, descoberta na zona antiga de Castelo Branco e publicada por Tavares Proença Jr em 1907.

Faz-se uma abordagem à antroponímia, procurando estabelecer as suas raízes linguísticas (ibéricas, célticas e indoeuropeias), refletindo ainda sobre o processo de romanização da região.

Abstract³

We present in this article a funerary inscription from Roman age, found in the ancient zone of Castelo Branco and published by Tavares Proença Jr in 1907.

It is an approach to antroponymy, trying to establish their linguistic roots (Iberian, Celtic and Indo-European), still reflecting on the process of Romanization of the region.

³ Tradução de Luísa Carreiro Filipe

Introdução

A epigrafia tem servido, ao longo dos anos, de importante fonte para o estudo da antiguidade romana nos mais diversos aspetos. Uma dessas áreas de atuação diz respeito à onomástica, permitindo analisar e discutir, não só a vida quotidiana das populações, como também a sua aculturação, as correntes migratórias, o estatuto jurídico e a origem étnica dos indivíduos que quiseram perpetuar a sua memória através dos tempos.

Assim, o presente artigo visa dar a conhecer quatro gerações da mesma família, que habitariam a região de Castelo Branco ao tempo dos romanos, em que o termo albicastrense integraria, muito provavelmente, o território rural da *civitas Igaeditanorum* (Assunção *et al.*, 2009: 184).

O monumento epigráfico

Em 1907, Francisco Tavares Proença Júnior deu a conhecer, pela primeira vez, uma *inscrição encontrada ha tempos immemoriaes fazendo parte de uma umbreira de portal na parte mais alta do burgo*⁴ (Proença Júnior, 1907: 173-174). A interpretação dada pelo arqueólogo albicastrense não estaria correta, levado certamente em erro pelo desgaste da pedra, como o próprio

⁴ Entenda-se “parte mais alta do burgo”, como sendo a atual Zona Histórica.

refere as *letras bastante apagadas, em virtude da deterioração da superfície da pedra pelo tempo e pelo vandalismo das populações que por aqui germinaram durante tão largos annos, lêem-se a custo* (Proença Júnior, 1907: 174). Em 1910, o mesmo autor (Proença Júnior, 1910: 54) viria ainda a debruçar-se sobre a leitura desta epígrafe, o que na opinião de Garcia (1984: 100) se nos *afigura hoje bastante deturpada*.

Esta inscrição voltaria a merecer novo estudo por parte de Ana Paula Ferreira (2004: 50), não diferindo muito da interpretação dada por José Manuel Garcia em 1984.

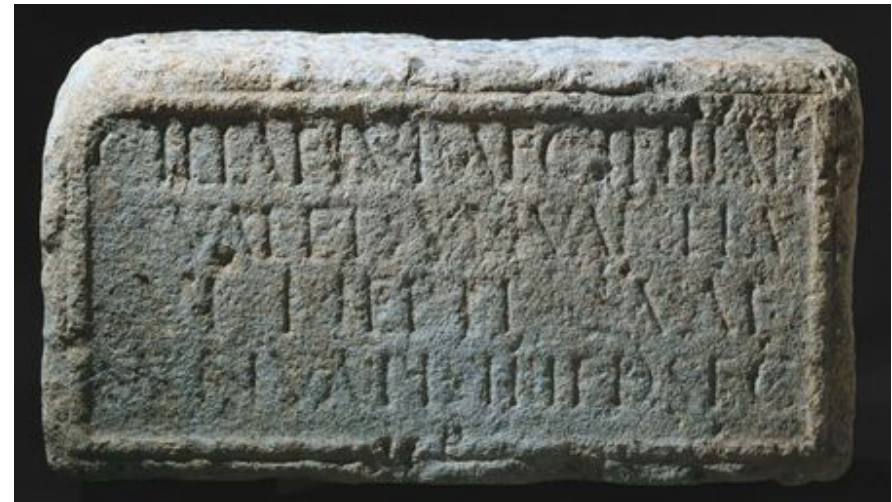


Figura 1. Inscrição em estudo (Fonte: MatrizNet)

Recorrendo à análise da pedra e à proposta de Ana Ferreira, apresentamos a seguinte leitura:

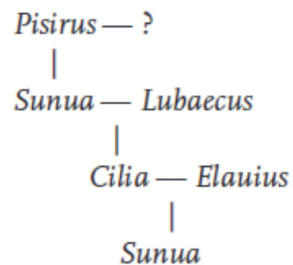
CILIAE LVBAECI FILIAE
SVAE ET SVNVAE ELA
VI NEPTI SVAE
SVNVA PISIRI F DSFC

Ciliae Lubaeci filiae / suae et Sunuae Ela/ui(i) nepti suae / Sunua Pisiri f(*ilia*) d(e) s(uo) f(*aciendum*) c(*urauit*).

O que, em português, significa:

Sunua, filha de Pisiro, mandou fazer à sua custa (este monumento, dedicado) à sua filha Cília, filha de Lubaeco e à sua neta Sunua, filha de Elávio.

Com base na informação que a dedicatória contém, Ferreira apresenta o seguinte *stemma*:



A onomástica

A epígrafe permite-nos analisar a situação concreta desta família e as suas particularidades na sociedade hispano-romana da região de Castelo Branco, em que os nomes aqui registados são todos eles indígenas, denotando um fundo celta (Villar, 2007).

O nome **Pisirus** está formado a partir do radical de raiz indo-europeia **peis-* / **pis-*, que poderá significar “moer”, “triturar” (Albertos Firmat, 1966: 184) e com um sufixo em *-r-*, que na opinião de Pedersen (1909-1913: 49) é comum entre as línguas celtas.

Sunua poderá ter como base o radical indoeuropeu **Sun-*, interpretado por Albertos Firmat (1966: 211) como “sol”, tratando-se de um antropónimo bastante documentado na Lusitânia (Ramírez Abascal, 1994: 517-518). Este nome tem suscitado alguma polémica em torno do seu género, já que é apontado por muitos autores, como pertencente a uma raiz de índole estritamente masculina (HEp 8, 1998: 26). Não cabe, no âmbito deste artigo, fazer aqui uma análise a esta problemática, uma vez que o nome aparece na epígrafe de Castelo Branco como pertencente ao género feminino.

De realçar o facto de a neta ter o mesmo nome da avó materna (*Sunua*), reforçando assim os laços de sangue que unem estas duas defuntas.

Relativamente a **Lubaecus**, estamos na presença de um nome tipicamente lusitano, apesar do seu primitivo ditongo ter sofrido uma adaptação à língua latina (Ramírez Sádaba, 2001: 231).

O nome **Cilia** está formado com base no radical Indo-europeu *Cil-, que para Curchin (2008: 116) pode significar “guarda”, bem como as suas variantes *Cilius*, *Cilus*, *Cilea* e *Cilurnus*, localizados em maior número na área luso-galaica (Albertos Firmat, 1966: 87; Albertos Firmat, 1982: 53-54). Para Pérez Rojas (1993: 206) a densidade de distribuição destes nomes poderá estar relacionada com o etnónimo *Cileni*, que Plínio-o-Velho situou na Galícia (*Naturalis Historia*, IV, III).

Elaius aparece aqui pela primeira vez (Ferreira, 2004: 50), pertencendo ao grupo de nomes indígenas formados com base na palavra celta Elani e que se documenta sobre a forma de *Elanius*, *Elanicus*, *Elanioca* (Curchin, 2008: 121).

A sobrevivência indígena da onomástica desta inscrição revela-se importante, sobretudo pelas ilações que nos permite tirar. Tudo indica que a conquista deste território respeitou a existência da população local, permitindo assim a manutenção de uma identidade própria perante os novos conquistadores. É neste campo que a onomástica nos fornece indícios preciosos, de

forma a podermos verificar o grau da romanização das populações, integradas na nova estrutura do território.

No que respeita à representação do grau de parentesco pela linha materna, tem sido identificado, não só entre a população da metade norte da Península (Gallego Franco, 1993: 188), como também nos povos pré-romanos da Europa (Gallego Franco, 1991).

A autora da dedicatória, *Súnua*, apresenta um certo “status” social e económico, pois que mandou fazer, a expensas suas (*de suo faciendum curavit*), o presente epitáfio (Fernandes, 2002).

Pela ausência da invocação aos *Deuses Manes*, pela paleografia e pela fórmula final, tudo leva a crer que se poderá situar esta inscrição na segunda metade do século I d. C.

Referências bibliográficas

Abascal, J. M. (1994) Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania. Murcia: Universidad Complutense.

Albertos Firmat, M. L. (1966) *La onomástica personal primitiva de Hispania. Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones

Científicas.

Albertos Firmat, M. L. (1982) “Los antropónimos indígenas de las inscripciones romanas de la región de Penamacor”, *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História da Região de Penamacor*. Penamacor: Câmara Municipal, p. 53-54.

Assunção, A., Encarnação, J. d’ & Guerra, A. (2009) “Duas aras votivas romanas em Alcains”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12(2). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 177-189.

Curchin, L. A. (2008) “Los topónimos de la Galicia Romana: Nuevo estudio”, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 121. Galicia: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 109-136.

Fernandes, L. S. (2002) “De Svo: O registo epigráfico da Impensa na Lusitânia”, *Máthesis*, 11, pp. 9-41. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, p. 9-41.

Ferreira, A. P. R. (2004) “Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?”, *Trabalhos de Arqueologia*, 34. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Gallego Franco, M. H. (1991) “La mujer prerromana en Germania e Hispania

a través de la Geografía de Estrabón. Un estudio comparativo”, *Actas del VII Symposium de la Sociedade de Profesores de Alemán*. Valladolid.

Gallego Franco, M. H. (1993) “La participación femenina en las estructuras sociales hispanorromanas de Palencia”, *Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses*, 64. Palencia, p. 183-195.

Garcia, J. M. (1984) *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco. HEp (1998). *Hispania Epigraphica*, 8. Madrid: Universidad Complutense.

Júnior, F. T. P. (1907) “Inscrições romanas de Castello Branco”, *O Archeologo Português*, 12. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 172-178.

Júnior, F. T. P. (1910) “Inscrições inéditas (simples noticia)”, *O Archeologo Português*, 15. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 39-54.

Pedersen, H. (1909-1913) *Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprache Göttingen*. Göttingen : Vandenhoeck und Ruprecht.

Pérez Rojas, M. (1993) “Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la “celtización” del mundo ibero-tartésico)”, In A. Gonzalez Blanco, R. Gonzalez Fernandez, M. Amante (eds.), *Antigüedad y Cristianismo*, 10. Murcia, p.

139-266.

Ramírez Sádaba, J. L. (2001) “Onomástica indígena en la Baeturia Celtica”, *Acta Salamantica*, 283. *Estudios filológicos*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 227-240.

Villar, F. (2007) “El Celta de la Península Ibérica”, in P.-Y. Lambert e G.- J. Pinault (eds.), *Gaulois et Celtique Continental*. Paris, p. 413-441